

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

11. Os *gadgets* na família

Responsável EOL: Christian Ríos

Participantes: Gabriel Tanevitch, Agustín Barandiarán, Marisol Gutiérrez,
Ana Paula Ribeiro, Carlos Jurado, Paula Lagunas, Alejandra Gorriz,
Adriana Fanjul, Gisel Waigand

Nosso Tempo

Primeira cena: um pai e seu filho jogam por meio de um iPhone em um aeroporto. Cada um está atento à partida que cabe ao outro enfrentar. Poderia ser *Clash Royale* ou *Clash of Clans*, nessa pequena situação, eles falam, se olham e se riem.

Segunda cena: uma família, na sala de espera de um plantão pediátrico, com dois smartphones e um tablet. Nenhum dos três, como a maioria dos presentes, presta atenção aos múltiplos leds que sintonizam Cartoon Network.

Terceira cena: um pai, uma mãe, um adolescente e uma criança de não mais de seis anos, no bar de um posto de gasolina. Enquanto o pai e o jovem esperam ansiosos que as baterias de seus smartphones recarreguem, a mãe cede o dela ao pequeno.

Quarta cena: um dos integrantes do grupo de WhatsApp denominado *The family*, sai do grupo abruptamente. O resto se pergunta “o que aconteceu?”. Pouco tempo depois, o administrador volta a adicioná-lo.

Quinta cena: um menino de 14 anos se queixa dos WhatsApp do pai. Ele pergunta “onde você está?”, “o que está fazendo?”, “a que horas você sai do colégio?”, “a que horas você chega em casa?”. Acrescenta que seu pai trabalha todo o dia e que o controla diariamente pelo WhatsApp. Diz não suportar mais a situação, já que a mesma o faz se sentir um “bobo”. Mais adiante, conta que ficou sem telefone, porque o dele caiu no vaso sanitário.

Qualquer uma das situações levantadas mostra como os *gadgets* fazem parte da vida familiar. Até mesmo, encontramos livros destinados a evitar que a tecnologia estrague

nossos relacionamentos. Este é o caso de *Dieta digital: o plano de quatro passos para terminar com seu vício em tecnologia e recuperar o equilíbrio de sua vida* (2011) de Sieberg, Daniel.

Como bem o título do livro aponta, o autor propõe quatro passos para combater o vício em tecnologia, que a seu entender funciona em prejuízo das relações afetivas. Os passos seriam os seguintes:

1. Pensar: esta fase tem como objetivo a tomada de consciência do tempo que passamos conectados à Internet. O autor sustenta a ideia de que adquirir consciência disso, nos permitirá compreender, a partir de um simples cálculo matemático, os meses que durante um ano destinamos à conexão.

2. Reiniciar: esta segunda fase é propriamente o começo da dieta digital. Aqui se busca iniciar um processo de desconexão da vida online. Sieberg sugere começá-la um fim de semana com a finalidade de evitar a *tentação tecnológica*. Será necessário guardar os aparelhos em uma caixa, tirá-los da vista e confiar a algum amigo as senhas dos perfis das redes sociais. A missão desta pessoa será trocar as senhas por umas novas e desconhecidas para o praticante do retiro, que deverá gravar uma mensagem no próprio telefone, desculpando-se por não estar disponível durante esses dias. Mesmo assim, e para apaziguar a maior das abstinências, o e-mail poderá ser revisado uma vez por dia. Mas, atenção! Recomenda-se que seja à noite.

3. Reconectar: o importante nesta etapa será colocar em seu justo lugar os relacionamentos online e os offline. Para isso, será preciso delimitar um tempo de duração do e-day (dia eletrônico). Sob a concepção de obter uma “presença digital balanceada”, o lapso estabelecido não deverá ser tão extenso quanto o do antes do tratamento, mas também não tão escasso quanto na fase 2.

4. Reativar: Sieberg caracteriza esta última fase como uma etapa fundamental do processo de desintoxicação. O sujeito que atravessou as fases anteriores deverá enfrentar a difícil tarefa de reavivar as relações pessoais abandonadas pelo vício na tecnologia, já que do que se trata para Sieberg é de viver no mundo real.

Indubitavelmente, como diz uma canção popular, “... o futuro chegou faz tempo”, e estas mudanças podem se sintetizar a partir de duas formulações: o matema $a > I$ e a feminização do mundo, esta última introduzida por Jacques Alain Miller e Eric Laurent durante a apresentação do seminário *O Outro que não existe e seus Comitês de Ética* [2005].

Dizer que o objeto domina o ideal dá conta da passagem da lógica da sociedade da tradição —que poderíamos escrever com o matema oposto $I > a$ — ao regime do gozo nas sociedades contemporâneas.

Esta passagem não resulta indiferente das mudanças produzidas no modo de produção capitalista. Não está demais destacar que o capitalismo atual é um capitalismo de hiperprodução. Longe ficou o tempo em que o capitalismo precisava da acumulação de riquezas para se afiançar como modo de produção. Um tempo que em clave marxista envolvia o circuito de contratação da força de trabalho¹ para produzir valor.

Em uma leitura sociológica, são muitos os autores que precocemente anunciaram estas mudanças, por exemplo, Gilles Deleuze em um artigo dos anos 90, chamado “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”. Apesar de Deleuze colocar o foco nas mudanças operadas na lógica de controle das sociedades, anteriormente chamadas disciplinares por Michel Foucault, não deixa de pensar com relação ao processo de aceleração do capitalismo.

Mais próximo de nosso tempo, outros autores como Gilles Lipovetsky ou Zygmunt Bauman nomearam estas transformações com significantes tais como *hipermodernidade*, no caso do primeiro, e *líquido* no caso do segundo.

Mas como analistas, apesar dos desenvolvimentos sociológicos enriquecerem nosso olhar, não devemos nos perder neles. O importante a partir de nossas formulações é situar como o discurso capitalista associado à tecnociência perfuraram o significante do Nome do Pai no social. A isso nos referimos quando falamos da feminização do mundo.

Explicar a lógica do mundo contemporâneo, a partir da utilização das fórmulas da sexuação, significa falar sobre o Não- Todo [Sinatra, 2017]. Se pararmos nas fórmulas da sexuação, apreciaremos que sem a exceção, encarnada pelo pai, será impossível que o Todo se constitua como um conjunto. Princípio do *todo e a exceção*, que estabelece a necessidade, para a formação do Todo, de que um elemento permaneça por fora dele.

Por isso, tal como nos lembrava Ernesto Sinatra, na apresentação dos argumentos do VIII ENAPOL na EOL-Seção La Plata, a globalização pode ser entendida como um processo de destotalização, já que, se o Todo perde sua consistência, o Não- Todo ocupa seu lugar [Sinatra, 2017].

¹ Recordemos que para Marx el trabajo constituía una mercancía diferente al resto, ya que solo la fuerza de trabajo era capaz de producir valor de cambio. Cabe decir, que, de esta característica especial, se desprende la noción de plusvalía.

Lembremos que o Não- Todo se refere a uma série sem limite, devido à impossibilidade de fechar o conjunto como Um. Não se trata de um conjunto ao que falta um elemento, nesse caso falaríamos de incompletude e esta função remeteria ao Todo como conjunto fechado, mas da falta de limite que propõe a exceção e que permite fechar o conjunto. A função própria do Não- Todo é a inconsistência.

Isso não dá a chave para entender os fenômenos e as experiências do mundo globalizado, caracterizado pela falta de princípios constantes e submetidos à instabilidade [Sinatra, 2017].

Neste ponto, poderíamos afirmar que o movimento da civilização organizada a partir da lógica do Não- Todo, acarreta importantes mudanças no que diz respeito às configurações familiares.

Gadgets em família

Miller, em seu texto “Coisas de família no inconsciente” [2007], retoma a clássica definição de Levi Strauss sobre a família. Para este autor, a família constitui um grupo social de pelo menos três características: sua origem tem lugar no casamento, está formada por uma estrutura mínima composta pelo marido, pela esposa e pelos filhos, e seus membros estão unidos por laços de direitos e proibições.

Por outro lado, a psicanálise deixa claro a disjunção entre a família e a ordem biológica e destaca o fato de que, apesar de estas duas dimensões terem podido se superpor em algum momento da história da humanidade, isto só é atribuível à contingência.

Também devemos dizer que a psicanálise esteve ligada à família desde os seus inícios, ao ponto de contribuir na direção de certa *familiarização do mundo*. Ali se buscaram as causas do sofrimento dos sujeitos, disso se falava e ainda se fala em uma análise, digamos parafraseando parte do título do presente Encontro: de *assuntos de família*.

Diferente do pensamento lévistraussiano, para a psicanálise a família se forma a partir de três elementos: o Nome do Pai, o desejo da mãe e os objetos *a*. Por outro lado, seus membros não estarão unidos por laços legais, mas pelo segredo de gozo dos pais. Deste ponto de vista, a família constitui uma invenção para normalizar ou normativizar o gozo materno. [Miller, 2007]

Além disso, constituirá o lugar do Outro da língua e do Outro da Lei, já que a família no inconsciente é o lugar onde se aprende a língua materna, a que nos falou e a que cada um

fala, como também será o espaço onde se proibirá um gozo ao operar a castração. Isto é o que permite a Miller dizer que "... as histórias de famílias são o conto de como roubaram o gozo do sujeito". [2005]

Agora, o que poderíamos dizer hoje desta definição? Que efeitos situamos na estrutura familiar com a declinação do NP no social? Que consequências observamos nas famílias atuais regidas pelo princípio do Não-*Todo*? Ajuda-nos à formalização a mudança de estatuto que tem o Nome do Pai no ensinamento de Lacan? Como pensar a família além da égide edípica?

Indubitavelmente, o novo século trouxe consigo transformações na estrutura familiar contemporânea. Estas vieram com a substituição da lei do pai pela do mercado, mudanças operadas não só no social, mas fundamentalmente na economia libidinal do parlêtre, dando lugar a novas organizações familiares, à transformação das relações entre homens e mulheres e fundamentalmente entre pais e filhos.

Miquel Bassols, em seu texto "Famulus" [2016], oferece algumas claves para entender não só as mudanças operadas nas configurações familiares na era do Não-*Todo*, mas também uma interpretação da definição de família a partir da perspectiva do último Lacan.

Situa a mudança na família na dimensão do *assunto* e aponta que é o gozo feminino que é posto em jogo "... de múltiplas maneiras nas siglas DM que cifram naquela fórmula o Desejo da Mãe". [Bassols, 2016]

O fato de considerar que a mudança se situa no campo dos *assuntos*, assim como propor o DM a partir da perspectiva do gozo feminino, permite abordar as transformações familiares para além da estrutura edípica e do patriarcado.

A família será assim um sistema de relações simbólicas, mas também um aparelho de gozo tendente a "resguardar o segredo do gozo como inominável, até mesmo como abjeto" [Bassols, 2016]. Desta maneira, o segredo de toda família, independente da forma que adote, tentará velar o *héteros* do gozo feminino [Bassols, 2016]. Os assuntos de família serão as formas que o segredo tomar como véu do *héteros* que propõe o gozo feminino. Não importa de que "tipo" de família se trate —homossexual, monoparental, heterossexual—, o ponto em jogo será sempre o mesmo, enquanto a mudança terá a ver com a forma em que isso se abordar. Cabe levantarmos a questão, de que, nestas mutações nos assuntos de família, encontramos atualmente assuntos que já não passam necessariamente pelo NP.

Por outro lado, como já antecipamos, os *gadgets* já são parte de nossa vida cotidiana. Por isso, e em função de nosso tema, uma pergunta nos atravessa: como pensar a incidência do *gadget* na família?

Digamos em primeiro lugar, que estes objetos de consumo massivo se transformaram, como diz Lacan, em elementos de nossa existência, tornando-se imprescindíveis enquanto vêm “ para distrair a fome em vez do que nos falta”. [Lacan, 1988: 107]

O objeto tecnológico, em todas as suas variações (dos automóveis, leds, smartphones, tablets e, agora, segundo vários artigos jornalísticos, robôs para ter relações íntimas), são oferecidos ao consumo com a promessa de uma plena satisfação, quer dizer que nos convidam a acreditar que se pode fazer o impossível.

Então, a que lugar familiar responde o *gadget*? Podemos generalizar e dizer que vem ao lugar do *a*, lugar designado ao filho? Ou, pelo contrário, podem encarnar e substituir uma função falhada no momento de ordenar o gozo?

Consideramos que do que se trata é de indagar a função e os efeitos dos *gadgets* na economia de gozo da família e nesse sentido levantamos diferentes versões do *gadget em família*. Muitas vezes observamos que os mesmos se tornam problemáticos, enquanto em outras ocasiões constituem verdadeiras soluções.

Articulações

Resulta impossível saber antecipadamente como os *gadgets* se incorporam nas ficções familiares e que efeitos têm na economia de gozo de um sujeito. Por isso, consideramos que apesar de os *gadgets* costumarem ir ao lugar da não- relação, eles podem cumprir diferentes funções.

No caso apresentado no filme *Vida, Animada* (2016), pode se constatar, nas palavras de Eric Laurent, a batalha de uma família para inventar uma língua a partir de um interesse específico de Owen: os filmes da Disney.

Os pais, em seus depoimentos, relatam que seu filho havia desaparecido, chorava, mostrava-se inconsolável, não dormia, não dirigia o olhar. Sua única palavra era “*Jus*”.

Owen passava a maior parte de seu tempo na frente da tela. Um dia, assistindo *A Pequena Sereia*, disse sua primeira palavra depois de muito tempo: “*Juicervoise*”. Em um primeiro momento, sua mãe entendeu que ele queria suco, mas na realidade o que ele estava dizendo era: “justamente sua voz”, uma palavra surgida de uma canção de Úrsula, a malvada, que

canta para a sereia Ariel. A partir daí, produz-se um acontecimento no corpo de Owen que se expressa em seu júbilo e desde então os diálogos da Disney se transformaram na língua que a família utilizou, imitando as vozes dos personagens, para se comunicar com Owen. O uso do gadget, para ver seus filmes, apresenta-se para Owen como uma solução, um arranjo, para compreender quem era e seu lugar com relação aos demais. Também a partir dali, consegue suas invenções: novos personagens, como o protetor dos camaradas e Fuzz Butch, dos quais Owen se serve para tramitar suas angústias e situações de conflito. Por outro lado, a ficção-científica, em sua tentativa de peneirar o real foracluído pelo discurso científico, nos mostra um uso diferente do gadget caracterizado pela tentativa de suturar o real que propõe, neste caso, a morte.

No primeiro episódio, da segunda temporada da série inglesa *Black Mirror*, —chamado *Be Right Back, Volta logo*— a protagonista, Martha, diante da morte do seu parceiro —em um momento em que está grávida—, recupera o seu marido a partir de um *software* que possibilita —por meio de informação das interações nas redes sociais— reproduzir conversas, escutar sua voz e até criar um corpo artificial. Martha tenta driblar o real da morte, a partir da companhia deste *partenaire* incômodo, enquanto à discórdância entre as emoções e os comportamentos (devido fundamentalmente à ausência de um corpo traumatizado por *lalengua*), a confrontam com o impossível de velar.

O final do capítulo nos surpreende, já que, a partir da utilização de uma elipse narrativa, vemos a filha deste casal, levando ao sótão uma fatia de bolo de aniversário ao gadget pai. Embora caiba a interrogação sobre a função—e sobre os efeitos na economia libidinal dos membros desta família— do gadget pai, afirmamos que, neste caso, o segredo, próprio do assunto de família, se encontra escondido no sótão.

Por último, mencionemos o fenômeno *Reborn*² nascido na Europa e estendido à América. Os bebês *reborn* são bonecos de vinil de aspecto similar aos bebês reais. Muitos deles simulam o batimento do coração, a respiração, a voz, o choro ou a tosse e em algumas ocasiões até o cheiro da pele de um bebê. Além do hiper-realismo destes bonecos, o importante é destacar que 20 % dos que têm acesso a um *reborn* são mães que perderam seus filhos e em uma porcentagem menor mulheres que não podem ter filhos.³

² Em português, *reborn* significa “renascido”. Resulta interessante o nome dado a estes bonecos, levando em conta que em muitíssimos casos eles vêm ocupar o lugar de um filho morto.

³ Dallo, E., Un muñeco en lugar de un hijo. *El Mundo*. Sección Crónica. Disponible en: <http://www.elmundo.es/cronica/2014/05/11/536de1e6e2704e72568b456c.html>

Esta última versão do gadget, além da necessidade de esclarecer o uso que adquirem em cada caso e em cada família, nós o colocaríamos do lado da ampla produção de objetos tendentes a suturar o real da não relação, ao mesmo tempo em que mostram de forma clara o gozo informe [2002: 172], no sentido que escapa à métrica fálica, que tem “o horizonte da mulher”.⁴

Bibliografia

Bassols, M., Famulus. *Lacan XXI Revista Fapol online*.

<http://www.lacan21.com/sitio/2016/10/25/famulus/>, Outubro 2016

Bassols, M., Ciencia ficción y feminización. Disponível em:

<http://miquelbassols.blogspot.com.ar/2012/04/ciencia-ficcion-y-feminizacion.html>

Black Mirror, Primeiro episódio da segunda temporada: *Be Right Back*. Diretor: Owen Harris.

Escritor: Charlie Brooker. 2013.

Dallo, E., Un muñeco en lugar de un hijo. *El Mundo*. Sección Crónica. Disponível em:

<http://www.elmundo.es/cronica/2014/05/11/536de1e6e2704e72568b456c.html>

Lacan, J., La Tercera. *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial. 1988.

Lacan, J., *El Seminario, libro 17. El reverso del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. 2002.

Lacan, J., *El Seminario, libro 23. El sinthome*. Buenos Aires: Paidós. 2006.

Deleuze, G., Posdata sobre las sociedades de control. *El lenguaje libertario. Antología del pensamiento anarquista contemporáneo*. Buenos Aires: Altamira. 1999, p. 110.

Miller, J.-A., Laurent, É., *El Otro que no existe y sus Comités de Ética*. Buenos Aires: Paidós. 2005.

Miller, J.-A., Cosas de familia en el inconsciente. Revista *Mediodicho* N° 42. Córdoba: EOL-Sección Córdoba. 2007.

Sieberg, D., *La dieta digital: el plan de cuatro pasos para romper con su adicción a la tecnología y recuperar el equilibrio en su vida*. ST. Martin S. Griffin. 2011.

Sinatra, E., El retorno del Padre Ubú en la era de la pos-verdad. Primera noche preparatoria del VIII ENAPOL: Asuntos de familia, sus enredos en la práctica. Blog EOL-Sección La Plata.

Edición N° 9. Disponível em: <https://booking.goeuro.com/tickets/d172b326-0a4c-4061-b516-64e80376587f>

Vida Animada, film Director Roger Ross Williams. 2016.

⁴ Lacan utiliza esta expressão no seminário 17-quando se ocupa do reverso da vida contemporânea- para situar o rumo ao que nos conduziria o discurso da ciência e o capitalista. Poderíamos considerar a mesma na perspectiva do que hoje chamamos a *feminização do mundo*.